

**Associação Italiana Centros Culturais**

**Apontamentos da Assembleia com**

**Julián Carrón**

**Instituto Sagrado Coração – Milão**

**27 de Fevereiro de 2010**

**Marco Bona Castellotti:** Bem-vindos! Agradeço a Julián Carrón por estar aqui conosco.

**Julián Carrón:** Estou aqui, antes de mais, por uma amizade entre nós; estou feliz e contente de estar aqui; estou aqui com tudo o que sou, porque me interessa algo como aquilo que estamos para começar, interessa-me e desafia-me constantemente, por isso estou verdadeiramente agradecido por esta possibilidade. Agora deixarei o espaço para as intervenções de vocês, e para as perguntas que me chegaram; para que, assim, nos possamos ajudar.

Um de vocês disse: “Temos urgência de entender o ponto de unidade entre o cotidiano da nossa vida e o trabalho do centro cultural”. Só isso já dá uma bela inspiração para um diálogo.

Leio também a provocação que o Marco lhes mandou, que me parece ter muito que ver com esta primeira pergunta; Dom Giussani disse: “A cultura não é um esquema vazio quando o seu início é uma coisa que nos aconteceu e da qual não podemos tirar os olhos, uma realidade viva única”.

Outro disse ainda: “Durante a assembleia dos centros culturais em 2008, você afirmou: ‘Uma experiência cultural é a verificação daquilo que encontramos, da experiência particular, porque a experiência particular se verifica na capacidade que tem de abrir à totalidade, de outra forma, no tempo, não nos interessa. Dom Giussani ainda disse, em *Generare Tracce*: ‘Educar significa ajudar o ânimo do homem a entrar na totalidade da realidade’. Não nos acontece, de vez em quando, também a nós, fecharmo-nos em esquemas, ao invés de nos abirmos para a totalidade? O que significa, então, abrir-se à totalidade?”. Que é a mesma preocupação que Francesco, do Centro Cultural de Milão, tem: “O meu centro cultural trabalha muito; é um centro cultural anômalo porque é um autêntico lugar de trabalho. E isso esconde sempre a ameaça de cair na preocupação da organização. Todas as perguntas (‘que pessoas estamos encontrando, o que estamos seguindo, o que estamos aprendendo, que cultura nova estamos comunicando?’) são dominadas pela pergunta: ‘Como nos devemos organizar para encher a sala?’. Logo que encontramos uma pessoa, mesmo uma pessoa importante, uma testemunha apaixonante, somos imediatamente lançados para as preocupações quanto ao encontro seguinte. Muitas vezes parece que caio num esquema vazio, conformado. E reparei que é somente numa comparação cerrada com quem ama o meu trabalho mais do que eu mesmo é que sou capaz de entender que a beleza que proponho consiste na originalidade da experiência que vivo, ou melhor, como é determinante a minha autoconsciência, como é importante se desejo ou não tocar a posição original, isto é, a posição da fé”.

Então, parece-me a mesma questão, ou seja, que experiência temos nós de como o nosso trabalho se abre à totalidade. O que quer dizer abrir-se à totalidade? Que experiência vocês fazem? Que questões

surgem neste caminho? Qual é o ponto de unidade entre o cotidiano e o trabalho do centro cultural? De que modo foi o centro cultural, verdadeiramente, a motivação para um trabalho que abriu à totalidade?

*Eu encontro-me muito naquela problemática da organização, tanto assim que, no fim, digo para mim mesmo: fiz um monte de encontros, mas o que é que acrescentou em mim, o que é que eu aprendi? Gostaria de contar uma coisa que, pelo contrário, emergiu com maravilhamento: fazendo o trabalho da Escola de Comunidade (a provocação sobre o real, sobre tentar olhar para a experiência e descobrir a presença de Cristo), mudou um pouco o modo de olhar para os amigos que me rodeiam, e então ocorreu-me deixar um pouco de lado o meu preconceito, porque eu trabalho no centro cultural com alguns amigos, e quando começo já sei que aquele é bom e o outro não, que aquele pode dizer coisas interessantes e o outro não.*

Um esquema.

*Um esquema. Às vezes, chego a nem mesmo escutar um deles. E, porém, aconteceu que, tendo uma abertura, exatamente daquelas pessoas mais inesperadas apareceram ideias que me trouxeram uma novidade. Fiquei curioso quanto a estas possibilidades, quanto a estas contribuições vindas das pessoas de quem menos esperava. O que me tocou é que, seguindo o real, fui obrigado a reconhecer uma novidade que não podia imaginar antes, e que me ditou um modo que me fascinou e me fez crescer, me fez conhecer um pouco mais como este Mistério age, porque o sucesso das iniciativas e uma amizade renovada entre nós (somos pessoas que eventualmente discutimos e, contudo, em torno de uma mesa, todos juntos contavam a sua experiência)...*

Todas são conseqüências belíssimas, mas são secundárias, podem acontecer ou não acontecer; para mim, interessa que você saia daqui, hoje, tendo captado a origem. O que é que o impulsionou, abriu mais à totalidade? Você já disse.

*O fato de seguir o real.*

O que quer dizer, para você, seguir o real?

*Que eu na realidade vejo uma novidade, reconheço o Mistério e, portanto, sigo-O.*

A origem, eu quero que você compreenda a origem, porque você já a referiu.

*O fato de uma amizade, de um relacionamento.*

No início não era um relacionamento, no início você pensava que aquele tipo fosse um estúpido...

*O fato de não ter um preconceito.*

E como é que você venceu este preconceito?

*Abrindo o coração, olhando para o real.*

Você foi investido por uma curiosidade e seguiu-a. Percebem? Parece que não é nada, mas se você não tivesse seguido essa curiosidade, nada daquilo que contou teria acontecido. A mim interessa-me isto, porque esta dinâmica pode ser bloqueada no início – e então não acontece mais nada, apenas prevalece o nosso esquema –; ou então podemos deixar-nos desafiar, tocar por isto. É, como diz Giussani, neste

amor à nossa relação com o real que tudo se joga; é quase inconsciente, mas tudo o resto é o desenvolvimento disso. Se você não tivesse cedido neste ponto, tudo o resto não teria acontecido, ter-se-ia bloqueado. E olhem, amigos, que é aquilo que outra pessoa diz como falta – assim, vocês, vendo como acontece em vocês, podem aprender a responder às perguntas que lhes surgem no real –: “Frequentemente, a muitos de nós falta a curiosidade de descobrir o que existe de verdadeiro, de belo em todos os aspectos do real”. Muitas vezes o que vocês veem é que não se importam absolutamente nada com todas as suas iniciativas, o que vocês notam é que falta aquela curiosidade; e tantas vezes falta primeiramente em nós. E só se entendermos o que é que desperta em nós esta curiosidade é que poderemos ajudar a despertá-la nos outros; de outra forma, pensamos que é algo mecânico: mas assim, em você, nada teria mudado! É se estivermos atentos a como acontecem as coisas que aprendemos, a vida é fácil. Fico sempre impressionado com aquilo que Giussani diz: “O problema da vida não é um problema de inteligência, é um problema de atenção”. A atenção é aquela abertura ao real tão total que se torna verdadeira inteligência: esta capacidade de tomar consciência do real segundo todos os fatores, que não exclui nada, e surpreende o acontecer sempre de novas coisas e outras mais. E então veem que podemos ser resgatados do nosso esquema, abertos de par em par à totalidade. E se aprendermos isto, a atividade do centro cultural fará parte deste grande objetivo educativo que é a realidade do movimento, porque colaboramos nesta abertura à totalidade. Não temos outra coisa mais interessante, mais importante a fazer.

*Gostaria apenas de lhe dizer que, depois, fiquei espantado com o fato de que isto se tornou um método; por exemplo, apercebo-me que, durante as eleições políticas, estou me movendo do mesmo modo.*

Essa é a questão: vê-se que você fez uma experiência porque se incrementou o eu, ou seja, se incrementou a consciência, a sua autoconsciência. Aprendeu algo que não acaba logo que passa o impacto sentimental; permanece como riqueza do eu, porque se tornou seu. Então, a vida torna-se uma estrada, torna-se um caminho no qual a pessoa se enriquece sempre mais, fica diferente antes e depois. Obrigado.

*Neste ano, a sede da empresa na qual trabalho transferiu-se, de forma que passei a ter de usar o transporte interurbano. Isto obrigou-me a olhar para o centro cultural de outro modo: de início, eu pensava que fosse um problema, um menos, e ao invés disso fui obrigado, enquanto antes eu é que em parte fazia tudo, cingir-me a um relacionamento com aqueles que, comigo, faziam o centro cultural, porque eu não podia mais fazer tantas coisas; e dei-me conta de que estar diante deles e ter uma preocupação por cada coisa que deviam fazer, ou não deviam fazer, como ia andando, como o estavam vivendo, fez com que eu não me concebesse mais sozinho em tudo o que eu fazia; de forma que não sou eu que faço o centro cultural, mas eu junto com aqueles rostos. Assim, com respeito à primeira pergunta – dizer como incide no cotidiano –, eu apercebi-me de que é tudo assim, que quando vou trabalhar é assim: não sou eu sozinho, mas sou eu dentro de uma amizade com aqueles rostos. Eu não sou uma pessoa “da cultura”.*

É preciso apagar esta frase, apagá-la do cérebro de vocês, porque, senão, quer dizer que usamos a palavra “cultura” de uma maneira reduzida! Todos sabem o que é o Windows, não? Tem um amigo que usava o Macintosh, que é o que imitou Windows: quando o Windows bloqueia, aparece o velho esquema do DOS, aparece “C:”. Quando bloqueia, aparece o velho esquema. Exatamente como em nós: logo que nos distraímos do nosso humano, aparece o velho esquema. Podemos estar falando de cultura, mas eis que se manifesta o conceito de cultura que temos dentro de nós até à medula. É significativo, porque nos damos conta de como emerge este esquema que arrastamos dentro de nós (não o digo como reprimenda, mas para que nos demos conta). Mas, gostaria de lhe fazer uma pergunta, a propósito daquilo que você disse, a mesma de antes: o que o obrigou a esta abertura à totalidade? Não se afaste nem um milímetro daquilo que você disse, porque já disse tudo, a única coisa é que você não deu por isso. O que o obrigou a esta abertura à totalidade?

*Que eu sozinho não basto a mim mesmo.*

Não! Porque você, com o seu pensamento, nunca teria chegado a este ponto, poderia ter continuado, por séculos, a fazer sozinho. Sim ou não? Fez assim por anos! O que é que o mudou?

*As circunstâncias.*

Passou a ter de usar o transporte interurbano. Um aspecto do real obrigou-o a sair deste esquema, fê-lo jogar pelo ar o esquema. Você diz: o que é que isso tem que ver com a cultura? É que só vivendo, aceitando o desafio que o real constantemente nos lança você consegue fazer isso; e este evento, este acontecimento muito simples, que parece não ter nada que ver com o centro cultural – mudou o lugar de trabalho – fez com que você se tornasse mais consciente do que é a cultura, e começou a fazer as coisas de outro modo. Abriu-o mais à totalidade. Olhem que é apenas se vivermos na primeira pessoa uma experiência, a partir de um evento que parece não ter nada que ver, que nos abrimos para um “além” e acrescentamos o nosso eu.

*Respondendo à primeira pergunta que você leu, eu, em dado momento da minha vida, no ano passado, com quarenta e cinco anos, perguntei-me: por que é que não estou ainda contente, por que motivo a vida ainda não me dá a satisfação que busco realmente? E, no entanto, tenho uma boa mulher, três filhos saudáveis, sou músico, toco, dou concertos, ensino no Conservatório. Em suma, são tudo questões pelas quais uma pessoa deveria dizer...*

“O que mais você quer?”.

*Tudo mais ou menos arrumado, e no entanto não basta. E assim comecei a pedir, ou seja, comecei a rezar como nunca o tinha feito na minha vida. Sou cristão desde sempre, portanto sempre tinha rezado com fórmulas; na realidade, comecei a pedir verdadeiramente que fosse feita a Sua vontade, consciente, como dizia Dom Giussani, de que a Sua vontade é a minha realização plena, porque não é “seja feita a Sua vontade, e paciência”, como se fosse um menos, mas para mim é o mais. Assim, disto, nasceram coisas bellíssimas, incríveis, um período de graça que estou vivendo ainda agora – e já passaram tantos meses, quase um ano –; pediram-me para entrar no centro cultural e me ocupar não de música, mas de cinema, que é outra de minhas grandes paixões, e revii, depois de anos, Solaris*

*de Andrei Tarkóvski: cento e sessenta e cinco minutos, no imaginário coletivo uma “seca”. Neste filme é como se eu tivesse visto o Mistério fixado, isto é, fiquei tocado por este filme a tal ponto que pedi a alguns amigos para revê-lo juntos e fazer um cineclube: para os primeiros dois filmes apresentaram-se trinta pessoas; para o Solaris mandei uma carta dizendo que, para mim, tinha sido algo que verdadeiramente me tinha mudado a vida: apresentaram-se cento e dez! Foi um pequeno evento, e o responsável do cineclube – um tipo de esquerda – ficou tocado e agora vamos repetir, projetaremos Andrei Rubliev. Em suma, foi algo que deu muito fruto, mas foi um grande fruto sobretudo para mim, porque foi verdadeiramente um daqueles momentos que me mais me mudaram a vida, e sobretudo intuí a Sua mão que sempre me guiou em tudo isto, porque o único motivo pelo qual eu queria propor este cinefórum era para que todos pudessem encontrar a beleza que eu tinha intuído naquele filme e aquela com a qual estou em contato diariamente quando toco; portanto, acredito que é algo interessante: partir daquilo que acontece todos os dias pode-se tornar um trabalho cultural. Os frutos podiam até ter sido piores ou melhores, porém a coisa mais verdadeira é que me mudou.*

Volto a fazer-lhe a mesma pergunta: o que é que o abriu a esta totalidade?

*Esta insatisfação que me fez começar a pedir.*

Veem? A lealdade consigo mesmo: o filme tê-lo-ia tocado tanto sem esta ferida? Esta é a questão. Uma vez que a pessoa começa a intuir isto, começa a entender o que é a cultura como resposta e então a pessoa ousa propor certas coisas que, culturalmente falando, do ponto de vista da concepção normal da cultura, não têm interesse. Só se você faz um caminho assim é que tem a razão, do contrário você não teria tido o atrevimento de propô-lo. Tê-lo-ia matado pela raiz, antes mesmo de pensar: “Mas estou louco para uma coisa assim?”. Sem esta experiência nós fazemos a cultura de todos.

*Eu fiquei muito impressionada com a frase que nos foi mandada, isto é, que a cultura não é um esquema vazio quando, no início, é qualquer coisa que nos aconteceu, da qual não se pode retirar o olhar, porque se eu penso na minha vida, isto que começou há vinte três anos atrás, hoje é mais vivo do que nunca, de forma que, para mim, não apenas o impulso inicial, com alguns amigos, na experiência do centro cultural, mas o seu desenvolvimento, isto é, o fato de que isto continua, não posso separá-lo de uma evidência que hoje tenho na minha vida, ou seja, de que aquele início é, para mim, como uma fonte que, depois de tantos anos, se renova continuamente. Se olho para a minha vida, reparo que aquilo que me torna mais agradecida é que existe uma experiência que me faz começar o dia não com o problema do centro cultural ou da escola – eu sou professora –, mas que a experiência que vivo me desperta um desejo de viver, de ser, que para mim é fruto apenas de uma graça, porque chegar aos quarenta anos e dar-se conta de que o desejo de ser é cada vez mais forte, que o desejo do coração é cada vez mais forte, para mim, é a evidência de que existe algo mais na minha vida.*

Então, diga o que a abriu mais à totalidade.

*O que você disse antes, ou seja, ser leais com o coração, porque ser leais com o coração, para mim, significa ter os olhos arregalados diante do que acontece.*

Nós, pela maneira como vivemos, não nos podemos dar esta abertura à totalidade. Ter os olhos arregalados para a totalidade é possível apenas do interior desta experiência: alguém que pega e o abre de par em par, que o faz abrir os olhos. E isto é decisivo se não nos queremos fechar no esquema. Porque, depois, isto nos permite ser livres em relação a certas coisas ou a certas iniciativas. No fundo, não é essa a questão, porque depois se avalia em conjunto, se vê o que é mais adequado, mas no quotidiano aquilo que abre de par em par, que faz com que cada coisa seja sua, que não censura nada, é isto. E então eu pergunto a vocês: o que é que me faz perceber todo e qualquer aspecto do real, cada aspecto, a totalidade como minha? Porque nisso está o princípio cultural definitivo. Sem isso, nós decidimos ou nos enquadrámos segundo os nossos gostos e os nossos pareceres, segundo o que nos interessa, mas deixamos cair muitos aspectos do real sem serem abraçados nesta totalidade. O que é preciso para que este início permaneça constantemente como fonte? A contemporaneidade de Cristo, porque sem esta contemporaneidade caímos outra vez no esquema. Não lhe basta, para viver agora, se este início não demonstra a sua verdade permanecendo agora e não a abre de par em par. De outra forma – como acontece a tantos que, inicialmente, estão sinceramente fascinados –, imaginamos uma experiência amorosa bela, graças à qual mesmo o por do sol adquiria força expressiva – no tempo já não lhe diz mais nada. A verdade deste início se vê na capacidade que tem de permanecer.

*Há dezessete anos fui para uma cidadezinha do Vale de Susa porque meu marido morava lá; o desejo que sempre me animou era não esquecer tudo o que tinha acontecido na minha vida, ou seja, o encontro que tornava a vida sempre nova e a possibilidade de ter encontrado uma humanidade diferente. Pensei que a única coisa que eu podia fazer com meu marido era comunicá-la aos outros, vendendo a Tracce. Em seguida, começamos a fazer Escola de Comunidade em nossa casa e, pouco a pouco, propusemos às pessoas que conhecíamos – convidando-as – o Acontecimento encontrado, que paulatinamente se tornou presente e evidente nas pessoas que encontrávamos. As solicitações da vida real nos fizeram conhecer muitíssimas pessoas, sobretudo através da caritativa da catequese na paróquia; aí propusemos encontros com os pais, com o pároco e as catequistas, porém não nos bastava. Era preciso que o ímpeto encontrado, suscitado pelo acontecimento, encontrasse e desafiasse toda a realidade. Assim, demos início a uma sucursal do centro cultural, quebrando o gelo com a apresentação do livro de Dom Giussani *É possível viver assim?*. Tocámos, sucessivamente, em temas diversos, do trabalho à dor, e no último que fizemos, há dez dias, sobre a *Caritas in veritate*, interveio o bispo, fazendo-nos rezar no início. Foi como dilatar a todos a Escola de Comunidade e ver a obra de Outro, para além dos esquemas. Como, por exemplo, a possibilidade de ter feito estes encontros com o pároco que envolveu toda a pastoral da juventude da Diocese. Há uma coisa maior que vence, quando uma humanidade simples e verdadeira tem um lugar ao qual pode fazer perguntas, a respeito do acontecimento encontrado, a trezentos e sessenta graus. Cada vez que fazemos os encontros estão presentes cerca de cento e cinquenta pessoas, mas todas as vezes eu digo: “Senhor, cuida Tu”, e lembro o que você nos disse no ano passado: “É para vocês, é para cada um de vocês, mesmo se não há ninguém”. Com efeito, quando fazemos os encontros, eu não me volto para trás nunca porque digo*

*que, mesmo se não houver ninguém, é para mim. Depois, olho para os meus amigos do centro – somos seis – e para as caras das pessoas que saem e que têm o desejo de nos encontrar de novo. Independentemente das ideologias, as pessoas têm ainda desejo de encontrar um juízo novo.*

Obrigado! Belíssimo! Numa cidadezinha pequeníssima pode acontecer algo assim! Uma presença com esta dignidade cultural! Belíssimo!

*Eu sinto-me muito nesta posição de chantagem entre o fazer e o ser que veio à luz antes; mas nestes dois anos dou-me conta de que é como se eu tivesse recomeçado do zero um caminho. Levando a sério as coisas que você nos disse há dois anos, no Meeting, sobre olhar para aquilo que acontece e também sobre o juízo, sou obrigado relacionar isto com a experiência do centro cultural, se bem que – como eu dizia – eu vivo esta questão entre o fazer e o ser, muito frequentemente, como uma rebelião: dois dias antes do evento, quando tudo se concentra, apetecia-me fugir e desistir de tudo.*

Por que é que não faz isso?

*Às vezes digo para mim próprio: “Se acontecesse uma circunstância que me levasse para o hospital, alguém teria que fazer o que eu faço”. Porém, permaneço ali porque tenho a fixação da quotidianidade neste período: é dentro das coisas de todos os dias que algo de extraordinário acontece. Há tantos exemplos que eu poderia dar, mas dou só um: tenho três filhos, uma de catorze anos, e escandaliza-me um pouco que os jovens precisem do delírio para que a vida tenha sentido, porém também nós somos um pouco assim, temos necessidade do “delírio religioso”, porque tem de haver uma coisa forçosamente estrondosa, ou a quotidianidade aborrece-nos, apenas nos faz cansar. E, pelo contrário, eu, neste caminho que venho fazendo, fixei-me precisamente no quotidiano, nas coisas de todos os dias, é disso que quero ver aparecer uma beleza para mim.*

Obrigado. Olhem que, sem isto, nenhuma das iniciativas culturais de vocês me importa; porque a nós não nos serviriam para entrar em todos os aspectos do quotidiano. É isto que nos obriga a rever o nosso conceito de cultura. Por isso, o que você diz – aquilo que a educou a perceber um novo início – prende-se à fonte do novo início de que falávamos antes: o encontro é a fonte educativa do movimento, não uma reflexão sobre a cultura.

*No início você recordava a questão da curiosidade. Tem muita importância para mim, porque é uma palavra que, em mim, sinto como ambígua, porque eu sou extremamente curioso acerca do que acontece na realidade, no entanto noto que é como se a curiosidade parasse ali.*

Não é um problema da curiosidade, mas que você pare, fique bloqueado a certo ponto. Está aqui a ambiguidade. Porque uma criança, quando tem a curiosidade de saber como funciona um brinquedo, se você fica preso em demasiadas coisas e não chega ao finalmente, ao como funciona, ela manda-o para o inferno. A criança não para enquanto não chega à totalidade. Então, a ambiguidade não está na curiosidade, está na liberdade que a bloqueia a certo ponto, não sendo leal com o seu impulso inicial.

*Mas esta lealdade é uma questão muito difícil de manter.*

Não, não é muito difícil: impossível! Impossível, se a pessoa não é despertada constantemente. Como dizíamos antes, é preciso o acontecimento que desperta. E depois, uma vez que acontece – e isso não o

podemos dar a nós próprios –, não é muito difícil, porque basta ceder. E exatamente nisso nós continuamos a opor-nos a Dom Giussani. Quando alguém lhe dizia: “Você é melhor, porque no fundo você é leal; nós, porém...”, ele replicava: “O que tenho eu a mais do que vocês têm? Eu tenho este ‘sim’ e basta”. Explico-me? Não precisamos de nada; simplesmente ceder, porque para resistir tem de gastar mais energia do que para deixar-se abraçar.

*Portanto, isto é o que o liberta de um certo risco de avaliar o êxito também dos encontros que faz.*

É a única coisa que o liberta. Porque se não chegar ali, àquilo que, no fundo, é a fonte da sua satisfação, você depende do êxito. E esta é toda a questão cultural: se paramos antes de ter chegado ali, não encontramos aquela resposta, aquele significado que preenche a totalidade da nossa exigência, e então dependemos do resultado. Ao invés, se a pessoa encontrou a fonte da satisfação, então é livre; mesmo que estivesse sozinha, estaria contente porque isto lhe corresponde. Isso não quer dizer que não devamos fazer tudo para que haja um êxito. A questão é se somos livres antecipadamente, antes do resultado, porque senão é como se vivêssemos unicamente dependendo do resultado, como escravos. Olhem que isto muitas vezes pode incidir na proposta cultural, porque então organizamos coisas das quais esperamos um resultado, e assim somos reféns, e acabamos por fazer as iniciativas culturais de todos, aceites pela mentalidade dominante. Mas proceder assim não responde à verdadeira curiosidade, ao verdadeiro problema; pelo contrário, quando não estamos presos nestas questões, só então é que verdadeiramente podemos propor algo que responda realmente à exigência de totalidade. O nosso aliado, o aliado de um conceito de cultura como o que estamos dizendo, não é outra coisa senão o coração do homem, que é exigência de totalidade! Mas tal como sucede com a educação, assim também sucede com a cultura: só alguém que tenha vivido esta experiência pode desafiar culturalmente o outro. E isto é impossível sem uma experiência presente, sem que eu tenha já encontrado aquilo que verdadeiramente corresponde à minha expectativa, ou seja, a única cultura verdadeira, de modo tal que eu possa ter a possibilidade de propô-la. Sem isto, como digo sempre, a liberdade é um bem muito escasso, e por isso, no fim, tantas coisas reproduzem a mentalidade de todos. Mas atenção: não é um problema moralista; não podemos empurrar, fazer músculo; é outra coisa, porque você uma vez pode até propor isso, mas da segunda vez, se não mudam os resultados, já não o faz. Trata-se de um problema de experiência nossa, assim como é um problema da experiência do educador, porque apenas se alguém fez esta experiência pode educar o jovem a este nível; de outra forma, deixa de existir educação, se não existem adultos que tenham feito experiência. Isto, em meu entender, é decisivo. E depois está na origem das escolhas culturais que propomos, não nos damos conta, mas é isto que as determina.

*Estamos presentes há cinco anos, e agora temos este problema que temos discutido: os nossos encontros são abertos aos cidadãos, o objetivo é conseguir ir ao encontro das pessoas e portanto são anúncios – vem-me à cabeça esta palavra – de um método novo com o qual se pode enfrentar o trabalho e tudo o resto; o problema que temos discutido é que a nossa comunidade é muito fragmentada, portanto não existe um lugar físico onde qualquer pessoa nos possa encontrar. Eu tenho*

*o desejo de que não fique tudo para o encontro cultural, mas que seja possível encontrar as pessoas fisicamente também depois, mas não sabemos como fazer isso acontecer.*

Isso dependerá das possibilidades que vocês têm. Se alguém quer um encontro, vocês devem oferecer ocasiões, momentos de encontro, disso irá começar tudo o resto, até terem o dinheiro para comprar um lugar para trabalhar. Mas a primeira questão é que, em cada encontro, vocês possam sugerir novas possibilidades para se encontrarem.

*Portanto, por exemplo, o convite para a Escola de Comunidade?*

Por exemplo. Depois, façam um passeio, umas férias ou outros gestos. Em cada gesto, podemos oferecer àqueles que participam a possibilidade de continuar um relacionamento; para mim, é importante, porque é como quando você conhece alguém: agrada-lhe e você marca um encontro. A vida é simples.

Para concluir, vou ler um testemunho, porque me parece ser um belo exemplo da tentativa de percurso em direção à totalidade a partir de um pormenor. Considero que é significativo para todos: “Há anos colaboro com a atividade do centro cultural, ou melhor, dos centros culturais, porque mudei de cidade e sempre procurei esta referência. A intuição inicial que me moveu foi, dentro de uma estima, uma pertença à experiência do movimento, uma simpatia instintiva pela arte, pela literatura, pela cultura em geral, a mesma simpatia instintiva que me levou a fazer certos estudos e a trabalhar, primeiro como profissional liberal e depois como funcionária pública, no campo da atividade dos bens culturais. Disse para mim mesma: se você faz cultura por profissão, não pode ignorar o ponto em que o movimento trabalha estas coisas, e assim comecei a colaborar com a organização do centro cultural, considerando, de fato, as atividades culturais como um valor em si mesmas. Mas a vida é complicada e, entre o trabalho e a família, a superestrutura organizativa começou a ser um peso. Desde o ano passado, e de maneira mais evidente neste ano, o trabalho do centro cultural começou a desafiar-me de uma maneira nova e imprevista, antes de mais contestando-me: perante aquilo que eu sentia como a generosa oferta da minha competência técnica, propondo-me, por exemplo, para guiar visitas a lugares de arte, ouvi responder: ‘Não me convence, não é isto que interessa’. Tendo encaixado o golpe, isto obrigou-me a um trabalho. Aconteceu-me embater numa passagem de *Qui e Ora*, que descreve muito bem o risco que assumia a consideração da atividade cultural como um bem ou um valor em si, separado desta totalidade. Diz Dom Giussani: ‘Mesmo a ação por uma universidade mais livre e justa, mesmo [...] a criação de um tipo de estudante consciencioso e audaz, mesmo a criação de profissionais social e verdadeiramente úteis, se torna esperável, se torna conteúdo da esperança; mas como consequência – e digo-o paradoxalmente –, como consequência não exigida, porque me bastaria aquele Acontecimento! Isto é como um prêmio. E não é um prêmio exigido, porque deriva inevitavelmente da participação naquele Acontecimento. Se fosse exigido, introduziria uma alternativa ou uma concorrência com a totalidade deste Acontecimento’. A cultura enquanto valor introduzia uma alternativa, uma concorrência com a totalidade daquele Acontecimento. Nesse ponto, aprofundi o trabalho: foi-me

proposto trabalhar sobre o texto do Papa, em Paris, destinado aos homens de cultura: ‘o lugar em que nos encontramos é de certa forma emblemático. Com efeito, está ligado à cultura monástica, pois aqui viveram jovens monges, esforçando-se por chegar a uma compreensão mais profunda da sua vocação e viver melhor a própria missão. [...] De acordo com a história dos efeitos do monaquismo, podemos dizer que, na grande viragem cultural produzida pela migração de povos e pelos novos ordenamentos estatais que se vinham formando, os mosteiros eram os lugares onde sobreviviam os tesouros da velha cultura e onde, a partir dos mesmos, se vinha formando gradualmente uma nova cultura. Mas, como se verifica isto? Qual era a motivação que levava as pessoas a reunirem-se nestes lugares? Que intenções tinham? Como viveram? Em primeiro lugar e antes de tudo há que dizer, com muito realismo, que não era intenção deles criar uma cultura e nem mesmo conservar uma cultura do passado. A sua motivação era bem mais elementar. O seu objectivo era: *quaerere Deum*, buscar Deus. Na confusão dos tempos em que nada parecia resistir, eles queriam fazer o essencial: empenhar-se por encontrar aquilo que vale e sempre permanece, encontrar a mesma Vida. Andavam à procura de Deus. Queriam passar das coisas secundárias às essenciais, ao único que é verdadeiramente importante e fiável. Diz-se que estavam orientados de forma ‘escatológica’. Mas isto não deve ser entendido em sentido cronológico [como se dissesse respeito ao futuro], como se olhassem para o fim do mundo ou para a própria morte, mas em sentido existencial: por detrás das coisas provisórias buscavam o definitivo’. A perspectiva interessante é o *quaerere Deum*: na origem do seu trabalho cultural, o recomeçar a partir da paixão por Cristo é correspondente ao coração. Não era a imagem com a qual me deparei no centro cultural, pelo contrário, lembro-me de que, alguns anos atrás, eu tinha quase como que uma objeção contra esta radicalidade, como se ela tirasse o valor do aspecto técnico-profissional do aprofundamento cultural”. Esta é a questão: fico contente que uma pessoa se sinta desafiada por esta radicalidade do nosso conceito de cultura! Ela partiu, com toda a sua intenção, com toda a sua simpatia, para um conceito de cultura, e este foi desafiado, não porque o anterior não seja necessário, mas por uma exigência de totalidade. E uma pessoa sente a objeção, sente o rasgão, sente o desafio, sente o deslocamento, sente verdadeiramente o contragolpe desta radicalidade. Prossegue: “Lembro-me de uma discussão com uma pessoa que me tinha desafiado: ‘Mas, você preferia assistir à mostra guiada por Giussani ou por um perito em História da Arte?’. Fiquei suspensa: o coração teria corrido em direção a Giussani, mas não me eram evidentes as motivações”. Muito boa, como lealdade a esta luta. Esta é a questão, este é o dualismo que nós, tantas vezes, sentimos em nós: de um lado, o ímpeto; do outro, as motivações. “Resta-me a pergunta: mas, então, qual é a diferença entre o trabalho da Escola de Comunidade e o trabalho do centro cultural? Na Escola de Comunidade já está tudo. Trabalhei sobre o texto do *Meeting 2009*, de Carmine Di Martino; foi precioso. A Escola de Comunidade nos fez entender como é central a questão da razão e do conhecimento. O trabalho sobre o texto serve-me para aumentar a consciência crítica, e contribui para tornar sistemática uma posição cultural. Do trabalho da Escola de Comunidade nasce um conceito de razão, um uso da razão que torna a questão cultural diferente. No trabalho da Escola de Comunidade, que, além do mais, é marcado pela autoridade da condução através

da experiência da videoconferência, já está tudo, são propostos os instrumentos para um juízo, mas que o trabalho se torne nosso é um desafio sempre em aberto”. A proposta pode ser clara, mas isso não quer dizer que é ainda nossa, precisa de instrumentos, não comprovados pelos esquemas deste mundo. “Trabalhando sobre a proposta para a próxima assembleia dos centros culturais, era patente que os esquemas do mundo se convertem, a um nível imperceptível, nos nossos esquemas”. É como se, fazendo este trabalho, esta pessoa se desse conta de como tantas vezes os esquemas do mundo são os nossos: “São, frequentemente, os olhos com os quais, na realidade, olhamos e julgamos as coisas. É preciso um trabalho para que nos tornemos realmente capazes de olhar e julgar a realidade. A alternativa é o conformismo aos esquemas do mundo, mesmo quando são esquemas de autoria católica. Hoje, o centro cultural é, para mim, trabalho cultural, ou seja, confronto com propostas, com instrumentos que sejam a minha educação para uma consciência crítica e sistemática. Mesmo a música clássica é interessante, porque esta educação é uma identificação, por osmose, com uma posição humana, para que eu me torne sempre mais capaz de um juízo verdadeiro e livre sobre a realidade, um juízo que seja meu, no qual eu possa realmente respirar, como quando Carrón nos fez discutir outra vez o caso de Eluana. Em *De que Vida Nasce Comunhão e Libertação* (disponível em [passos-cl.com.br](http://passos-cl.com.br), conteúdo online), impressiona-me este trecho de Dom Gius: ‘Na base de toda verdadeira grande cultura humana, como na base de toda verdadeira obra de arte ou de toda verdadeira filosofia, existe sempre uma intuição criativa, que se submete ao rigor de um método. Um enfrentamento que se esqueça da importância do rigor exigido por cada objeto é sentimental; mas uma cultura que censure programaticamente a intuição originária é abstrata. [...] O início do posicionamento cultural dos cristãos é descrito pela exortação de São Pedro a ‘dar razão da vossa esperança’ (1Pd 3, 15). [...] Se falta esse ponto de partida, é impossível qualquer construção cultural inserida na dinâmica da fé. Afinal de contas, a cultura é a paixão humana solicitada e potencializada pelo encontro. Na concepção paulina, Cristo é ‘o eixo em torno do qual estão suspensos ontologicamente todos os seres’ (Huby). Existencialmente, isso significa que Cristo é o ponto de vista unitário capaz de levar a enfrentar qualquer aspecto da existência’.”

Tudo isto é impressionante como percurso aonde o centro cultural, ou seja, a atividade de vocês pode chegar: não a par do trabalho de vocês no centro cultural, mas dentro, levando a sério o trabalho de vocês. Deste ponto de vista, vou ler um trecho de Dom Giussani que aparece no próximo livro das Equipes do CLU: “O encontro não é o ponto de chegada [como tantas vezes sucede entre nós: fizemos o encontro, é ponto de chegada, não o início]. [...] A razão pela qual o encontro não é o ponto de chegada, mas o início, é que o que nos aconteceu [no encontro] só é compreendido no relacionamento com as circunstâncias. [...] A realidade não é arquivada porque nós já sabemos, temos tudo [a Escola de Comunidade é o que diz tudo, mas atenção:] temos tudo, mas o que é este tudo só se pode compreender no embate, ou melhor, no encontro com as circunstâncias, as pessoas, com os eventos. Não é preciso arquivar nada [...], nem censurar, esquecer, renegar nada. O que queira dizer o tudo que temos, a verdade que temos [...], o que signifique este ‘tudo’ entende-se no juízo, enfrentando as

coisas, por isso através dos encontros e dos acontecimentos, através do encontro – identificando esta palavra no relacionamento com as pessoas – e nos acontecimentos. É preciso levar o juízo a estes relacionamentos e o juízo aos acontecimentos!”

Este trabalho está todo diante de nós, está todo por fazer, a Escola de Comunidade não o pode realizar mecanicamente, mas cada um de nós deve fazê-lo ao enfrentar o real. Somos desafiados constantemente pela realidade; quando organizamos alguma coisa é para oferecer uma verificação de que aquilo que Giussani afirma – que Cristo é o ponto de vista unitário – não é uma teoria (aplicar um esquema), mas uma exigência existencial, no modo como ilumina qualquer coisa no real que eu encontro: é ali que se torna evidente o alcance daquilo que me aconteceu. Se eu não o arrisco – e este é o desafio que vocês têm em tudo o que fazem – para torná-lo evidente aos meus olhos e aos dos outros, no fundo o encontro permanece como ponto de chegada e não como ponto de partida. Não é que faço Escola de Comunidade e, depois, não tenho mais nada para fazer: é o início, tudo está por fazer, como tudo está por fazer na relação afetiva, como tudo está por fazer no trabalho. É verificar o encontro em qualquer aspecto do real, mesmo naquilo que fazemos num centro cultural.

**Bona Castellotti.** Ficamos vivamente agradecidos ao Padre Carrón por este apoio. Parece-me que – à parte a vivacidade e também a franqueza, e depois os problemas, devo dizer, isentos de inflexões sentimentais – a ocasião de hoje foi a possibilidade de reconhecer no esquema o grande inimigo de uma experiência cultural. O esquema está nas antípodas da totalidade, mas, se me permitem, também do desejo de totalidade, porque o significado fundamental da totalidade – se não permanecer como um ente abstrato – é o fato de nós a desejarmos, na nossa vida e naquilo que fazemos.